



# O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXXX • SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 2024 • EDIÇÃO 01

DESENHO: BEATRIZ MEDEIROS DA SILVA E CESAR HENRIQUE ORELLANA VARGAS



## Caminhos

O Professor Claudio Possani (sim, ele mesmo) também recebe os alunos nesta 1ª edição com um poema de sua autoria. Afinal, é possível ser matemático e poeta!

**POLIRISMOS/PÁG. 5**



## Entrevista com Neiva: Histórias de quando estudava na Poli!

Augusto Camara Neiva é o coordenador do Ciclo Básico, e, nessa entrevista, ele conta histórias de quando estudava na Poli, compartilhando suas experiências como estudante!

**FALA, PROFESSOR/PÁG. 7**

## Para começar bem na Poli!

Chamando membros de Centros Acadêmicos, Atlético e Grêmio, montamos uma coletânea de dicas e conselhos que cada um gostaria de ter ouvido no começo da jornada na Poli. Vem ver para começar bem a graduação!

**ACADÊMICO/PÁGS. 4 e 5**

## O Politécnico viu:

### Nimona

Assistimos "Nimona" e preparamos um compilado de opiniões politécnicas a respeito do filme!

**ARTE E CULTURA/PÁGS. 10 e 11**

REPRODUÇÃO / NETFLIX



## "A melhor da América Latina"

**T**odos os dias você esbarra e vê centenas de pessoas. A imensa maioria passa despercebida: multidão no trem, no ônibus, pelas ruas. Mesmo se tivesse interesse, seria impossível reparar em um centésimo de toda essa gente. Mas pensemos no inverso: centenas de pessoas também te veem diariamente, mas quantas percebem você? Quantas poderiam adivinhar os seus sonhos? Quantas notam os sentimentos que você deixa transparecer em sua face, em seus gestos? Alguém teria noção da imensa conquista que você teve neste ano? No terminal, poucas pessoas reparam em seu olhar inseguro enquanto você pega o circular pela primeira vez e vai em direção à universidade... dos seus sonhos?

Custou muito chegar este dia. Foi um ano intenso de estudos, simulados e vestibulares. Depois, a ansiedade até saírem os resultados. Você não pôde acreditar quando viu seu nome na lista. Pouco tempo depois algum

veterano te mandou mensagem parabenizando pela conquista e te convidando para os grupos de WhatsApp. Mas o beliscão para que você percebesse o tamanho da sua conquista foi chegando apenas aos poucos. Com essa percepção veio também um outro sentimento: "Será que é isso mesmo que eu quero? Será que esse é o meu lugar?". Essa pergunta persistiu algum tempo em sua mente. Você sabe, e os veteranos te lembraram, que a Poli é "a melhor da América Latina", mas...

Foram dias de muitos pensamentos. Finalmente, mesmo relutante, você decidiu que iria no rolê que o seu veterano te convidou. Agora, você desce do circular no ponto indicado. Te mostram a Poli, te explicam isso e aquilo, falam das aulas, das extensões, da Atlético, do Grêmio e dos Centros Acadêmicos. Todas as suas sensações se resumem brevemente a uma só: maravilhamento. Você já faz mil planos de quais grupos quer entrar e o

que quer fazer quando começam as aulas.

O dia foi ótimo, você conheceu seus colegas, seus veteranos e o lugar que te abrigará nos próximos anos. Você sabe que a dúvida quanto à faculdade, quanto a pertencer ou não a ela não desaparecerá simplesmente, mas hoje você começou a entender que a Poli não é puramente a "melhor da América Latina". Ela será, por vezes, mais difícil do que deveria e um lugar duro e espinhoso; porém, quem faz essa faculdade ser boa são as pessoas que estão ao seu redor e as experiências que vocês viverão juntos. Não será uma simples graduação, vão ser momentos felizes, festas, estudos, conversas, projetos.

Você ainda vai ter a certeza que o que faz um bom almoço no bandeirão não é a comida, mas os amigos com quem você partilha a refeição.

**Beatriz Medeiros da Silva,**  
Engenharia Civil, 2º ano.

**Diego Roiphe de Castro e Melo,**  
Engenharia Civil, 2º ano.



**Editor-chefe:** Pedro Paulo Caramori Lanza e Diego Roiphe de Castro e Melo

**Equipe Editorial:** Arthur Trovó, Arthur Mageski, Beatriz Medeiros, Bruno Santos, Caio Castro, Cesar Vargas, Claudio Possani, Diego Roiphe, Eduardo Vieira, Gabriel Teixeira, Henrique Gregory, Henrique Xavier, Isabel Bernardes, Jobel Junior, Laura Carmieletto, Luiz Melo, Murilo Noronha, Pedro Lanza, Rafael Rabelo, Rafael Varanda, Samuel Mioto, Thiago Lima, Yasmin Francisquetti, Yasmin Ramos.

**Diagramação:** Pedro Paulo Caramori Lanza

*Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores, e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação.*

## Editorial

**B**oas-vindas ao Jornal O PolitécnicO!

Queremos parabenizar a todos e a todas que conseguiram realizar a proeza de entrar na Poli! Aqui, como vocês certamente logo perceberão, há uma infinidade de coisas para se fazer; são tantas atividades diferentes, grupos de extensão, modalidades esportivas, projetos abertos... É comum se perder, no início.

O Jornal é mais um na imensidão de possibilidades interessantes que a faculdade tem a oferecer. Por isso, vá em frente, explore o gigantesco mundo de oportunidades da Poli e busque o que despertar algo de diferente dentro de você; uma fagulha de vontade, de curiosidade, de pertencimento. A Poli é sua! E se, após ler o conteúdo desta edição, algo dentro de você clicar e você decidir que quer fazer parte disso tudo, venha conosco! Mas antes, permita-nos explicar o que é o Jornal.

“O PolitécnicO” é um projeto aberto do Grêmio — isso significa que qualquer pessoa da Poli pode participar! — e, através dele, buscamos fazer algo diferente, talvez não tão comum aqui na Poli: criar um ambiente rico e diverso, onde, através da escrita e da arte, todos que desejem possam se expressar e ter suas vozes ouvidas. Aqui, você pode escrever (e desenhar) sobre o que quiser: engenharia, cultura, política, temas mais subjetivos, o que for do seu gosto! Contos, crônicas, desabafos, charges, ilustrações e poemas são mais que bem-vindos — até o Possani escreveu um poema para esta edição!

Nós, como diretores do Jornal, queremos criar um espaço acolhedor para você, que permita a expressão artística e crítica. Este é um lugar, além de tudo o que já foi citado anteriormente, para

se iniciar discussões pertinentes, seja no âmbito da universidade ou além dela. Dessa forma, além de entreter e informar por meio da construção e distribuição de um jornal feito de alunos para alunos, O PolitécnicO é um importante meio de diálogo entre estudantes, inclusive a nível USP.

Além disso, num ambiente altamente técnico e matemático como a Poli, o Jornal serve como um convite para que o aluno tenha contato constante com o subjetivo e o imaginativo, coisas importantes que complementam muito a formação de qualquer profissional, até mesmo nas exatas. E isso inclui a engenharia! Mas nem tudo se resume à formação, é claro, e, se você simplesmente quiser buscar refúgio no subjetivo como um modo de conforto pessoal ou quiser encontrar um lugar e amigos para chamar de seus, O PolitécnicO estará aqui para você.

As edições físicas, como esta que você segura agora, são distribuídas a cada trimestre na Poli. Além da parte física, temos também edições digitais, disponibilizadas em nosso site oficial, e textos exclusivos, também postados no site e no próprio Instagram @jornalopolitecnico.

Caso você queira participar, gostaríamos de incentivá-lo(a) a comparecer às reuniões abertas que fazemos no Grêmio, toda quarta, às 11:15. Esperamos você, dia 06/03, no Grêmio! Qualquer dúvida, entre em contato com algum dos diretores!

Sua voz é única, e queremos ouvi-la!

**Hoff,**  
**Engenharia Elétrica, 2º ano.**

**Diego Roiphe de Castro e Melo,**  
**Engenharia Civil, 2º ano.**

## REUNIÕES

**Quando?** Às quartas-feiras!

**A que horas?** 11h15

**Onde?** No Grêmio!

## CONTATO

 [jornal.poliusp@gmail.com](mailto:jornal.poliusp@gmail.com)

 @jornalopolitecnico

## ENVIE SEU TEXTO

[jornal.gremiopolitecnico.com.br/envie-seu-texto](http://jornal.gremiopolitecnico.com.br/envie-seu-texto)

## A PolitécnicA

**S**ejam bem-vindas, ingressantes de 2024! Bem-vindas à Poli, aos seus respectivos cursos, e bem-vindas a esta coluna, A PolitécnicA! Há tempos publiquei um texto muito mais político por ela, mas, assim como seu objeto de estudo, a coluna abriga vasta multiplicidade. Aqui fujo do tom informativo e um tanto inflamado, viso apenas recepcionar as 200 ou 300 novas politécnicas que nos leem.

A presença feminina na Poli não é tão recente em termos qualitativos, mas mesmo em 2024 ainda estamos longe de compor a metade dos alunos da Escola. Mesmo em desvantagem numérica, colaboramos em projetos basilares como o do Patinho Feio, um computador desenvolvido por aqui, e que comemorou seus 50 anos em 2022. Ele está em exposição no prédio da Administração, recomendo a visita! Não longe dele há também uma parcela de história mais corrente; no rol de quadros que retratam todos os diretores da história da Poli, o penúltimo é o único, por ora, representando uma mulher.

A primeira diretora da Escola foi Liedt Bernucci, que exerceu o cargo até 2022 e hoje encabeça o Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Durante a sua gestão foram observados diversos avanços da comunidade feminina; não conquistamos maior expressividade na fração do corpo discente, mas observava-se facilmente o destaque que muitas das mulheres haviam alcançado entre feitos acadêmicos e posições de liderança em grupos de extensão e centros acadêmicos.

Um olhar particular ao caro Grêmio PolitécnicO também inspira forte otimismo: apesar de ser a 6ª presidente da entidade, sou a 4ª em seis anos, dado notável. Antes do século XXI não havia nenhuma. A única outra entidade

de 120 anos do movimento estudantil, o Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito da USP, também será presidido por uma mulher durante o ano de 2024.

Estamos num momento em que há, pelo menos, algumas professoras lecionando na Escola — com a eterna ressalva de que a taxa do avanço feminino é ainda mais lenta neste departamento, por depender de concursos e de múltiplas etapas de formação acadêmica anterior. Ainda assim, no que tange à minha experiência puramente individual, eu tive a singular oportunidade de ter aulas com mais de uma professora, e poder me aproximar de uma delas por afinidade nas áreas de interesse acadêmico.

Há progresso a se fazer tanto vertical quanto horizontalmente. Para este fim, fomentando o interesse feminino na Poli, existem recepções como o Meninas na Poli (aproveito para convidar os leitores ao voluntariado no dia do evento); para aquele, talvez o mais carente, é necessária colaboração coletiva e atuação individual — de que outra maneira Liedt teria chegado à diretoria? Ainda vejo, nas comissões em que atuo como representante discente, que sou a única mulher que as integra como membro regular, mas aos poucos isso se altera: foram eleitas no começo de fevereiro duas presidentes (para as comissões de Inclusão e Pertencimento e de Cultura e Extensão) e duas vice-presidentes (também para Cultura e Extensão, além de Pesquisa). Naquilo que depende do indivíduo confio em vocês, a nova geração de politécnicas, e nas suas competências. No que depender de mim, e certamente diversas outras, mentoras não faltarão.

**Laura Carmieletto,**  
**Engenharia Química, 3º ano.**

# Cálculos Existenciais

## Epilepsina

**D**ia 26 de março é o dia mundial da conscientização da epilepsia, e só consigo pensar o quanto isso é importante para nós. Afinal, é uma condição pouco lembrada e, talvez por isso, cause tanto espanto quando é manifestada.

Pode-se afirmar que a epilepsia surge de repente, e, num instante, a pessoa se vê diante de algo que parece tão grandioso e tão significativo em sua vida que é como se sua rotina passasse a girar em torno do novo diagnóstico. Num dia, “convulsão” nem está na lista de termos que passariam por sua cabeça, e, no outro, é lembrado por si mesmo a cada segundo. Há o medo de estar sozinho na rua ou de estar em uma multidão; o medo de uma balada com suas luzes piscantes, e até o medo de tomar banho de porta fechada; há, principalmente, o medo de alguém olhá-lo diferente após a confissão de portar epilepsia. Mas a verdade é que, após o diagnóstico, a pessoa passa a se olhar diferente, adotando uma visão distorcida de si mesma, como se fosse inferior por causa dessa desordem neurológica.

Diagnosticada há oito anos, ainda enfrento tudo isso e por muito tempo procurei “fingir que eu era normal”, evitar a todo custo esse assunto e diversas situações que eu pensava que desencadea-

riam uma crise epiléptica: recusei viagens, festas e até idas ao cinema, porque o medo regia minhas ações, e mesmo sair de casa era uma tortura. O que me sustentava era a ilusão de que em dois anos estaria curada, e não teria que enfrentar mais que três episódios convulsivos. Obviamente, nada disso aconteceu.

E então vi que a depressão e ansiedade me acompanhavam também. O mal-estar que veio em seguida foi imensurável, e não importava quantas pessoas me dissessem que estava tudo bem; afinal, para mim não estava. Como seria possível eu estar tão longe assim da normalidade? Qual o meu problema? Por que tanta injustiça? Como eu só tinha 16 anos e já precisava tomar tantos remédios?

Contudo, o tempo não para quando desejamos, e o mundo não esperaria que eu encontrasse as respostas para todas essas perguntas. Não pude fugir de tarefas básicas como estudar ou ir ao dentista quando necessário, mesmo quando tinha recém-descoberto a epilepsia: tudo o que me restava era tomar os remédios prescritos e seguir uma rotina, sempre com a ajuda da minha família e amigos. Sem me dar conta fui recusando menos convites e, conseqüentemente, saindo mais

de casa, ainda que com certo receio. Pouco a pouco, a ideia de ter epilepsia e ter uma vida normal começou a fazer sentido para mim, mas não ocorreu de modo linear: tive várias crises de choro, momentos em que achei que seria impossível continuar vivendo sendo epiléptica; esses episódios, contudo, foram diminuindo com o tempo também.

E assim me vi mudando de foco: não mais mirando a cura, mas o tratamento. Ele existia e era possível, era nisso que eu devia me apoiar, não importasse quantos comprimidos fossem necessários, porque está tudo bem ser fora do padrão, e está tudo bem querer ficar bem.

Eu tinha a crença de que a epilepsia era um mal, algo tão fatal quanto saltar de um avião sem paraquedas. Afinal, eu não conseguia controlar as crises, não conseguia antever e evitar tê-las apenas com a força do pensamento. Entretanto, a cada episódio repentino, eu me levantava, e continuava o que quer que eu estivesse fazendo. Nesses momentos que eu reparava na minha capacidade de contornar o imprevisto; nesses momentos que eu via que nem sempre temos o controle sobre tudo, mas sim sobre nossa habilidade de adaptação, e percebi que, se eu continuasse a enxergar a epilepsia como uma inimiga e um mal a ser combatido, eu

não viveria, apenas me privaria de experiências por puro medo.

Sempre fui uma pessoa metódica e perfeccionista, entrando em “pane” quando algo saía fora do planejado. Diante da epilepsia, me vi imperfeita e tentada a controlar o incontrolável, e isso foi o que mais me machucou. E é por isso que eu preciso agradecê-la. Porque com ela eu aprendi que a vida não é linear, não é previsível, e está tudo bem. Isso não quer dizer que ela deve deixar de ser vivida. Não temos pleno controle sobre falhas neurológicas – ou o que quer que seja –, mas sim sobre nossa forma de enxergá-las. Temos que continuar vivendo, apesar de não estarmos nas condições ideais (até porque isso é impossível), e contornar nossas barreiras, impostas por nós ou não.

Posso afirmar que ainda me encontro na luta para aceitar a minha condição em sua plenitude. Às vezes ainda me flagro pensando em: “como seria minha vida se ela não existisse”, e acredito que isso é inevitável. Mas, sinceramente? Ela me ensinou tanta coisa que eu não seria quem eu sou hoje se não fosse por ela. Por essa e tantas outras razões, obrigada, epilepsia.

Anônimo.

## Rice Boy

**D**ois homens no lugar mais alto do mundo: um corajoso e rígido como metal e o outro medroso, feito de arroz, e tão branco quanto seus medos mais claros. Um deles deve morrer para cumprir a profecia e salvar o mundo caótico que não merece o mínimo sacrifício.

Esse é o fim da minha história em quadrinhos favorita, e até hoje eu não tenho certeza de qual lado escolher.

Meu pai, como um homem de seu tempo, dizia-me que homens não deveriam chorar, e eu realmente acreditei nisso. Alguns anos depois, esse mesmo homem abandonou a família e nem ao menos lacrimejou por isso. Naquele momento, eu tomei toda a responsabilidade e prometi a mim mesmo que eu nunca ia demonstrar minhas fraquezas, tal-

vez devesse ser como ele. Mais tarde naquele mesmo ano eu consegui uma bolsa em uma escola particular. De repente, lá estava eu em um ambiente difícil e hostil, e, durante todo meu primeiro ano, fui o pior estudante da minha sala, tanto em notas quanto em comportamento. O meio me fez decidir endurecer meus limites e me fechar, na mesma medida em que eu passava a lidar com isso tudo sozinho.

E eu consegui! Tornei-me o aluno número um da minha sala em notas e todos os professores passaram a gostar de mim. Eu me senti como metal. Eu era consistente, perseverante, forte, e não iria derreter tão facilmente. Pensei comigo mesmo que, no fim, eu estaria completo, mas não era isso que eu sentia. Eu queria chorar sem motivo, mas homens não

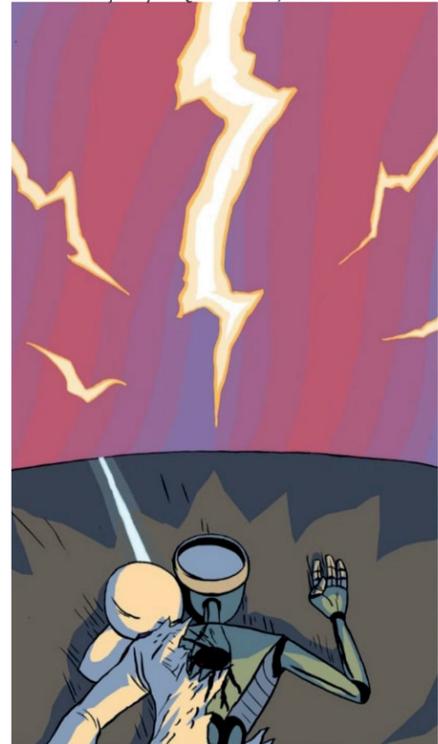
choram... Mesmo que eu tentasse, eu não conseguiria encarar essa fase sozinho, a estratégia que há muito dera certo, tornou-se um fracasso.

Foi aí que eu reencontrei uma parte de mim que eu negligenciava havia muito: o amor. Eu levantei minha cabeça e minha família e amigos estavam lá. Eu estava com medo, como sempre, mas dessa vez eu decidi assumir minha fraqueza e eu chorei. Eu chorei como o jovem Rice Boy durante toda sua jornada, vulnerável e emotivo; humano. No livro e na vida, descobri que a conversa entre as diferentes partes é o segredo para o cumprimento de qualquer profecia.

Eu não tenho como saber se metal e arroz são uma boa combinação, mas isso é o que eu sou.

Thiago Lima da Silva,  
Engenharia Elétrica, 2º ano.

REPRODUÇÃO / HQ RICE BOY, POR EVAN DAHM



Dois homens no topo do mundo;  
um de arroz e um de metal

## Acadêmico

# E se eu pudesse voltar no tempo? Conselhos dos veteranos para os ingressantes

A vida é feita de decisões, de escolhas. Nesse longo trajeto é possível acertar várias vezes, mas é inevitável que haja arrependimentos. Não ter feito tal coisa, ter feito outra além da conta. Não há saída, até porque se aprende a viver vivendo. Mas, e se fosse possível voltar ao passado? E se pudessemos, por meio da invenção de uma máquina do tempo por algum politécnico, nos alertarmos e dizermos a nós mesmos o que aprendemos apenas depois?

Enquanto editores do Jornal, pedimos para uma pessoa de cada Centro Acadêmico, da Atlética e do Grêmio realizarem este exercício. Assim, montamos uma coletânea de dicas e conselhos que cada um gostaria de ter ouvido no começo da jornada na Poli. São opiniões diversas e variáveis, então não se espante com falas divergentes, afinal, a Poli é um mundo de possibilidades!

**Kauane Nunes, AEQ  
Engenharia Química, 3º ano.**

A principal dica é não hesitar em pedir ajuda ou permitir que as dúvidas persistam, pois sempre há alguém disposto a ajudar, sejam professores, colegas de turma ou as entidades acadêmicas. Você não está sozinho!

Além disso, mantenha a dedicação constante aos estudos e confie no conhecimento adquirido; muitas vezes, é apenas questão de manter a calma e confiar no processo.

Por fim, desfrute de cada momento na USP. Estar aqui é uma grande conquista, então aproveite ao máximo tudo o que a universidade oferece.

**Isabela Borges, CAEP  
Engenharia de Produção, 3º ano.**

Para os ingressantes, a dica que eu dou é: estudem muito para as primeiras provas, mas não desanimem se vierem notas baixas nos primeiros anos. Isso é normal e no futuro vocês vão até esquecer que isso aconteceu se vocês aproveitarem a experiência universitária, conhecerem pessoas novas que vocês vão levar pro resto da vida e criarem memórias que nunca serão esquecidas.

**Natan Rejtman Missrie, CMR  
Engenharia de Materiais, 2º ano.**

Bem-vindos, bixos! Parabéns por entrarem na melhor universidade da América Latina!

Eu sei que vocês devem estar perdidos com o tanto de informação nova sobre matérias, grupos de extensão, Atlética e várias siglas da USP que vocês não fazem ideia do que seja, e é normal; afinal, um novo mundo de oportunidades acaba de se abrir para vocês. Porém, tenho certeza que, além da animação, você tem uma preocupação sobre como serão os próximos 5 (espero que sejam só 5) anos da sua vida. Bom, acho que o melhor conselho que posso dar é: fiquem abertos às oportunidades. Não adianta nada vocês fazerem vários planos agora porque com certeza vocês vão mudar MUITO de ideia ao longo do caminho. Então não se fixem a nada e estejam dispostos a experimentar novas coisas.

Em segundo lugar, nunca se permitam esquecer ou se acostumar com a ideia de estar estudando na Poli. Lembrem sempre de como foi difícil chegar aqui! Todo mundo, em algum momento, fica muito desestimulado (principalmente após as primeiras provas) e cogita trancar o curso (duvido você encontrar um politécnico que nunca teve esses pensamentos), é inevitável, mas você precisa continuar firme e sempre se lembrar que você merece estar onde está!

Por último, aproveite cada segundo! Todo ano entram 870 alunos na poli, então tem muita gente legal para conhecer e fazer novos amigos, eles vão ser muito importantes, acredite! Além de que não faltam oportunidades para conhecer pessoas de outros cursos e fazer aquele networking. Por isso, qualquer problema, sempre terá alguém que te entende e pode te ajudar, não tenha medo de ir atrás!

Espero que vocês tenham um ótimo ano!

**Gustavo Reis (Gugars), CEC  
Engenharia Civil, 3º ano.**

Antes de tudo, entre e participe de algum grupo extracurricular. Sejam reuniões de uma entidade (Grêmio, Atlética, Centrinho, Coletivo, etc.), ou um projeto de extensão ou cultural; participe e se sinta parte de algo que não envolva suas matérias

da graduação, sua saúde mental agradece! Agora, com relação às matérias, por favor, se você for faltar alguma aula, realmente veja a aula gravada ou estude o equivalente àquela matéria, sem deixar para em cima da hora. Esse é um erro clássico, principalmente em AlgeLin, e pode dar muita dor de cabeça. Tente fazer as listas das matérias, mas se tiver pouco tempo foque em prova antiga mesmo, e para tudo isso use e abuse do PoliShare.

Por fim, não se compare nem se restrinja por eventuais resultados indesejados, e sempre tenha tempo para resenhas e festas universitárias!

**Paloma Santiago de Melo, CEN  
Engenharia Naval, 2º ano.**

Na faculdade as faltas são uma reserva para ser gasta. Você não tem que "faltar o mínimo possível" igual na escola, você tem que gerenciar quais dias você vai faltar quando precisar, porque você vai precisar. Não deixem a graduação atrapalhar sua faculdade.

NADA justifica perder o seu sono, não caia no papo de "estude enquanto eles dormem", vá dormir também porque é tão importante quanto.

Também, tenha em mente que você não está mais no ensino médio. Você pode ir ao banheiro sem pedir, mas ninguém mais gosta de gente que baderna a aula.

Evite se comparar com os outros ou se sobrecarregar para "acompanhar" os seus colegas de curso. Qualidade de vida, saúde mental e seus próprios limites são muito mais importantes e essenciais para você aproveitar a sua graduação.

Se possível, quando estiver escolhendo quais matérias cursar, considere o professor que ministra ela. Pode ser um tema que você ama, mas o professor vai te fazer odiar ou amar o curso a depender da didática e do caráter dele.

**Luiza Souza Balbino (Balbis), CEE  
Engenharia Elétrica, 2º ano.**

Um conselho: manter a calma, no começo é muita novidade e é um pouco assustador, mas com o tempo você aprende a se adaptar. Outra coisa, ache um grupo de pessoas que você goste de estar junto, boa companhia torna as coisas mais fáceis.

Além disso, eu gostaria de ter

ouvido uma coisa em específico: que está tudo bem se sentir meio deslocado, e que eu não posso deixar isso me assustar. No começo eu sentia muito que a Poli não era meu lugar; eu não via muitas pessoas como eu (gênero, orientação sexual, interesses pessoais e até um pouco do jeito de ser) e ficava com medo de não pertencer ali. Mas isso não é verdade, a Poli tem muitos espaços diferentes e muitas pessoas diferentes. Você acha seu lugar e aprende que a Poli é tão sua quanto de qualquer outro aluno.

**Paloma Liz (Marlboro), CAM  
Engenharia Mecatrônica, 3º ano.**

Aproveite a Poli. Esse lugar vai fazer tanto parte da sua vida quanto você permitir. Não deixe que a faculdade seja só mais um amontoado de aulas na sua vida, se permita achar algo que você goste e não tenha medo de dar tudo de si nisso, independente do que for – vale a pena.

**Júlia Tomita Elias (Xulihs), CAEA  
Engenharia Ambiental, 2º ano.**

Quando eu entrei na Poli, eu senti um misto de medo e felicidade. Eu estava simultaneamente muito animada e muito assustada com todas as mudanças que eu estava vivendo. O tempo foi passando e eu fiz amigos, amigos que me deram muito apoio quando tirei 1,5 na P1 de Cálculo I e que me ajudaram a estudar quando eu estava em desespero com a sub de AlgeLin I. Mas, mais do que me ensinar as matérias, eles me lembraram todos os dias que a faculdade não era só sobre as aulas e as notas, mas também sobre se conhecer e conhecer pessoas completamente diferentes de você; sobre criar projetos aleatórios do nada e sobre fazer uma aula insuportável se tornar engraçada; sobre estudar e ir mal numa prova, mas, mesmo assim, sair pra encher a cara no dia seguinte pra comemorar que acabou; sobre organizar piqueniques na Praça do Relógio e sobre entrar no Discord pra jogar depois de um dia cansativo.

Então, se eu tenho uma dica para te dar, é: faça amigos. Pode ser meio difícil no começo, talvez você se sinta excluído ou não se identifique com ninguém, mas continue procurando, porque eu sei que, no meio de tanta gente,

## Acadêmico

Você vai achar alguém que te faça sentir confortável com toda essa loucura que é a engenharia e que vai te ensinar – e aprender com você – a amar o seu curso mesmo com tantas pedras no caminho. A verdade, pelo menos para mim, é que viver a faculdade não é não faltar em nenhuma aula e tirar as melhores notas, viver a faculdade é criar memórias inesquecíveis, se apaixonar pelas possibilidades e aprender com cada errinho para se tornar um profissional e uma pessoa brilhante no futuro. Não queira apenas se formar; queira se formar sabendo que você vai sentir

falta.

**Victória Cerqueira, Atlética Engenharia Civil, 2º ano.**

Na faculdade, ouvi milhares de vezes que "você reaprende a estudar"; ainda estou nessa fase de reaprender rs. Já adianta que a intensidade e carga horária do primeiro semestre são experiências únicas mas coletivas, pois tudo é novo, diferente e há a necessidade de se dividir em trinta, porém, estão todos no mesmo barco.

No entanto, o meu primeiro contato com a Poli foi com a parte esportiva, a qual fez eu segu-

rar bem o baque do primeiro ano, conhecer pessoas incríveis e direcionar meu foco para outras coisas (confesso que direcionei até demais).

Mas, falar para vocês, viu, eu "brinquei" muito nesse 1º ano já que fiz tudo que conseguia e via pela frente e, apesar de, no final a conta ter chegado... eu não me arrependo de nada. Agora, repetiria o erro? Óbvio que NÃO, mas também não mudaria nada do que foi feito. Foi nessas circunstâncias que aprendi a importância de arriscar, experimentar e aprender com os erros, fazer novas ami-

zades e manter sempre a determinação no potencial próprio!

Sejam bem-vindos, Politecos, e aproveitem a vista ;)

**Felipe Quezado (Xurras), Grêmio Engenharia Elétrica, 2º ano.**

Eu diria que a Poli é uma faculdade muito diversa e tem atividades para todos os gostos, então vale a pena experimentar de tudo. Mas sempre lembrando que a graduação tem 5 anos e você vai ter muito tempo aqui, então não precisa fazer tudo de uma vez. É bem melhor fazer as coisas bem feitas e com mais calma do que tudo de uma vez.

## Polirismos

### Caminhos

Professor Cláudio Possani

Sigo pelos caminhos do meu tempo,  
A cada passo me aproximo do destino.  
O fim da jornada sou eu que invento.  
Cada passo deixa para trás o menino.

Viajei como peregrino por este mundo,  
Há tanta terra e beleza para se ver.  
Sempre soube que lá no fundo  
Caminhar era o sentido de viver.

Caminhar e deixar o ódio para trás,  
Caminhar para ser uma pessoa melhor,  
Caminhar para construir a paz,  
Caminhar para encontrar o amor.

## Contos e Crônicas

### A Passagem

Vejo, pela Passagem, que vão de dois em dois, de três em três. Cinco, sete...

— E eu... vou agora?

"Se fores só, irás em dois, em três ou quem sabe em mais".

— Se fores comigo, iremos em um.

"Não há volta para o caminho que escolhes".

— Pois vamos. Juntemos os pedaços e sigamos em frente...

**Arthur Trovó,  
Engenharia de Produção, 2º ano.**

ARTE: FLAVIA POSSANI



# Contos e Crônicas

## A Estrada dos Fracos

— Certa vez — começou o velho —, um imenso rinoceronte bloqueou a estrada do reino com uma grande pedra, pesada, mais alta que árvores. E não havia tempestade ou vento que conseguisse tirá-la de lá.

— Vovô, mas por que o rinoceronte colocou a pedra lá? — perguntou o pequeno garoto, sentado aos pés da poltrona iluminada pelo fogo da lareira.

— É verdade, e como ele a carregou, se não tem mãos? — completou a garotinha ao seu lado.

— Ora, ora, garotos. Isso de nada importa para a história. É claro que rinocerontes não têm mãos, mas foi assim que aconteceu. Nós não devemos interromper a história dos mais velhos, sim?

O garoto concordou com a cabeça e a menina bufou.

— Pois bem. Continuemos — falou o velho. — Então, veio um urso. Forte, temido e corajoso. Quando avistou a grande rocha, ficou enfurecido. Não podia acreditar que haviam bloqueado o seu caminho.

O velho pausou, esfregou as mãos e deu um risinho, e então continuou.

— Pois o urso, enfurecido, tornou a rugir e bater na pedra, tentando empurrá-la com sua força. E tentou, e tentou, mas a pedra não se movia. Até que suas energias acabaram e ele deu meia volta, retornando à floresta.

— Espera um momento, vovô, mas como pode isso?! Ursos e rinocerontes, no mesmo lugar?! — cuspiu o menino, jogando as mãos para o alto.

— É verdade, e por que ele não tentou escalar a pedra? Não seria mais fácil? — disparou a menina, logo em seguida.

O velho deu uma risada longa e assentiu com a cabeça.

— Sim, sim, você tem razão, garoto. Suponhamos então que este era um urso imigrante.

— Imigrante! — exclamou

o menino.

— E como ele conseguiu o seu passaporte? — completou a menina, franzindo o sobrolho.

— Ora, garota, essas são perguntas que você devia fazer ao urso. São coisas da vida pessoal dele — riu o velho. — Mas quanto ao porquê de ele não ter escalado a pedra: certamente foi por causa de sua altura. Falei que ela era maior que árvores, estão lembrados? Qualquer um que ali passasse notaria na mesma hora...

Houve silêncio por um momento, calado pelos estalos momentâneos vindos da lareira, mas então o idoso continuou:

— Logo mais, após o urso ir embora, veio o leão. O rei da floresta. Temido por todos os animais, inclusive pelo urso. Todos obedeciam suas ordens. E veio, todo pomposo e elegante, com sua juba encantadora. Então logo viu a pedra bloqueando o seu caminho, e, tal como o urso, enfureceu-se e pôs-se a esbravejar, ordenando-a que saísse de sua frente. E quando viu que a pedra não obedecia suas ordens, enfureceu-se ainda mais, frustrou-se, e voltou para a floresta.

— Mas por que o leão falou com a pedra? Pedras não falam!

— Certo, certo. Você está correta, garota. Mas leões também não falam.

— É verdade, eles rosnam — declarou o garoto.

— Não é rosnar, seu cabeça dura. É rugir — corrigiu a menina.

— Meninos, atenção. Pouco importa se o leão rugiu ou rosnou. O que importa é que a pedra não se moveu. Não importa quantas vezes ordenasse a ela que se movesse, ou que afirmasse a si mesmo que era o rei.

O velho deu uma pausa, e as crianças fitaram-no com olhos curiosos.

— No fim, veio uma lesma — continuou o senhor. — Lenta. Fraca. Qualquer um que pi-

sasse em cima dela a mataria esmagada, pois tal era a sua insignificância. Quando ela avistou a pedra, não se enfureceu como o urso e o leão. Pelo contrário, apenas contornou-a e foi embora, e continuou o seu caminho pela estrada.

— O quê!? — gritou o menino.

— Dava para contornar a pedra o tempo todo?! — completou a menina.

O velho assentiu com a cabeça, sem sorriso no rosto.

— Então por que o urso e o leão não fizeram isso?! — exclamou o menino, fazendo um biquinho. — A história não faz sentido! O urso e o leão eram dois idiotas!

— Não faz muito sentido, não é mesmo? — falou o velho. — Vocês têm razão. Mas o urso e o leão ficariam furiosos se vocês dissessem isso a eles. Pois eles ficaram indignados com a pedra em seu caminho, e com razão. Ninguém deve ter sua liberdade de continuar andando privada por um outro alguém. O único erro deles foi não ter feito igual a lesma e procurado por caminhos mais simples. O simples fato de acreditarem serem bons o suficiente para mover a pedra tornou-os cegos.

— O que isso significa? — perguntou a menina.

— Significa que muitas vezes andamos cegos, garota. Somos ensinados nossa vida toda a fazer as coisas do jeito

dos nossos pais, que por sua vez aprenderam a ser do jeito deles com os seus próprios pais. Ao leão, foi ensinado que ele era o rei, e que todos deviam se curvar a ele, mas pedras não têm joelhos para se dobrar, nem ouvidos para escutar ordens. Ao urso, foi ensinado que ele era forte, que todos temeriam sua força e que ela serviria para superar todos os desafios. E à lesma... bom, à lesma, nada foi ensinado.

— Está dizendo que devemos questionar nossos pais? — perguntou a menina.

O velho sorriu e assentiu com a cabeça.

— Sim. Às vezes. Embora essa não seja a moral da história, sim, eu acho que sim.

A menina se levantou em um salto.

— Vamos, Matheus! — falou para o irmão. — Vamos brincar na neve.

— Mas mamãe não deixa...

— Devemos questionar os mais velhos!

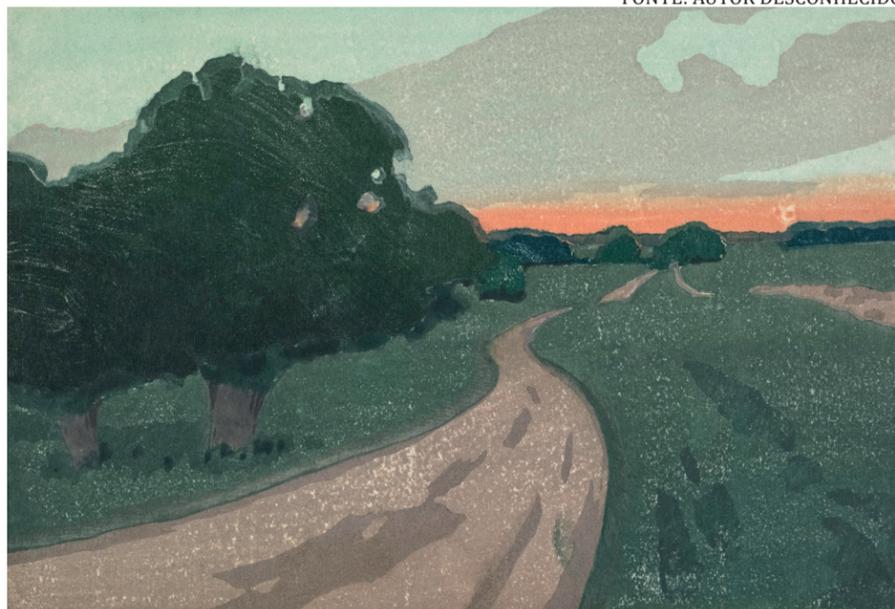
O velho nada falou.

O garoto encarou o avô, e, ao ver um sorriso em seu rosto, sorriu de volta, levantou-se num salto e seguiu a irmã.

Pois tal é a perspicácia das crianças. Enxergando o invisível aos olhos dos velhos, como lesmas fracas na estrada dos fortes.

**Hoff,**  
**Engenharia Elétrica, 2º ano.**

FONTE: AUTOR DESCONHECIDO



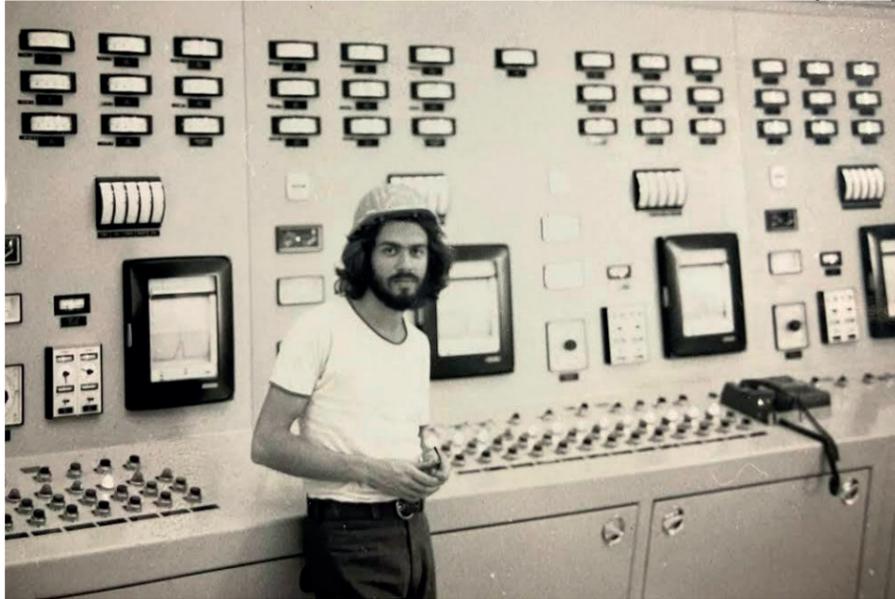
Estrada de terra em meio à vegetação

## Fala, Professor

# Entrevista com o Professor Neiva!

**A**ugusto Camara Neiva é professor ministrante de matérias do departamento de Engenharia de Materiais e atual Coordenador do Ciclo Básico. A equipe editorial o entrevistou para esta edição, trazendo um pouco das recordações de sua experiência na Poli – como estudante.

FONTE: AUGUSTO CAMARA NEIVA (ACERVO)



Professor Neiva em 1974, numa visita técnica

**Poderia nos contar acerca de sua história e relação com a Poli, quando entrou e como começou?**

"Bem, eu fiz vestibular, passei no ITA e na Poli, e acabei optando por ficar na Poli por ser em São Paulo, embora tivesse sido divertido ir para o ITA. Difícil precisar quando entrei na Poli, acho que foi em meados de 1970. No começo entrei em Produção, mas com um ou dois meses de aula a secretaria me avisou que não estava matriculado em Produção, mas sim em Metalurgia, que foi o que eu cursei ao acaso. Na época, a Poli era bem mais inóspita, a recepção era realizada pelos próprios alunos e o Biênio era bem diferente do que é atualmente. Me lembro de andar de bicicleta quando criança pela Cidade Universitária e já haver a Escola. Também fui do Grupo de Teatro e os ensaios ainda eram na Cado-pô, na Tiradentes, então não fazia tanto tempo assim que havia mudado de endereço."

**Soube que o senhor também conheceu o Alexandre Albuquerque (fundador do Grêmio Politécnico).**

"Não o próprio Alexandre de Albuquerque, mas o neto dele, que o chamava de vovô Alê. Nunca cheguei a ir na casa do Alexandre, que na época ainda era vivo e tinha uma mansão na rua Groenlandia, Jardins. A minha

irmã foi namorada do neto dele, e meu pai o conhecia, talvez tenha sido assim que o neto chegou até nossa casa; meu pai trabalhou na prefeitura, então devem ter se conhecido por lá."

**Você se envolveu com o movimento estudantil? Como foi a sua vivência na Poli durante a ditadura?**

"Sim, fui presidente do CMR (Centro Moraes Rêgo). A tradição da época é que havia apenas uma chapa que alternava a direção do centro entre Metalurgia e Minas, e eu, estando mais à esquerda do que essas chapas, montei a primeira de oposição e ganhei, estranhamente, para ódio de alguns engenheiros de Minas de direita, que eu gostava de provocar. No CMR passei um ano como presidente e, assim, participava das discussões com o Grêmio aqui no Biênio. Com o Grêmio as discussões eram bastante políticas, enquanto com o centrinho havia certa diversão."

Durante a ditadura, dentro da Poli, havia muita discussão com os professores, alguns negavam veementemente a existência dela, de torturas e etc., enquanto outros a apoiavam. Como Presidente do CMR duas coisas que eu criei foram, primeiro uma biblioteca com doação de livros, e em segundo uma semana de seminários sobre ecologia e poluição, junto com a biologia, e essa semana foi proibida dentro da USP pelo DOPS."

**Depois de formado, você já seguiu na carreira acadêmica?**

"Depois de formado, não entrei logo para a carreira acadêmica. Fui trabalhar na COSIPA (Companhia Siderúrgica Paulista) e comecei meu mestrado em paralelo, na própria Metalurgia da Poli. Ao fim do mestrado eu trabalhei no IPEN (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares). Lá, eu fui coordenador de um projeto com o Conselho Nacional de Segurança, relacionado a urânio com aplicações militares. Também fui professor de Engenharia Metalúrgica na FEI e trabalhei no Instituto de Física (IF) com ímãs de terras raras, que haviam sido descobertos na época, assim como no doutorado, também em Metalurgia na Poli, mas todo o meu trabalho experimental fazia no IF, em paralelo com o meu emprego. Em 1984, fiz um estágio no mesmo assunto na Alemanha, em Frankfurt, durante três meses. Depois de alguns anos na Física, prestei concursos para me tornar professor titular, e em 1998 consegui entrar como professor da Engenharia Química, no antigo curso da química tecnológica geral, no qual me tornei coordenador da disciplina, que era oferecida para todos os cursos, foi dessa maneira, também, que tive meu primeiro envolvimento com o Biênio. Fui convidado, então, para ser vice coordenador do Biênio, e quando o antigo coordenador saiu, eu fui ficando e acabei me envolvendo mais."

**Existe alguma diferença entre a Poli do passado e a Poli do presente?**

"Existem diferenças, no Biênio, entre o que a Poli é e o que ela já foi. Um ganho que temos atualmente é que a Poli faz alguma tentativa de cuidar dos alunos, na época, me lembro, que a relação entre professor e aluno não era bem estruturada. Também, eu tinha alguns conflitos com professores e funcionários por questões de militância religiosa da parte deles, militância contra a qual eu já havia me insurgido desde o colegial, e que atuava na Poli, não de maneira organizada, mas possuía atuação, de maneira contrária ao movimento estudantil."

É, de certa maneira, emocionante perceber como as cotas mudaram a cor, origem e tipo das pessoas da Poli. Por outro lado, essas mudanças exigem modifi-

cações, uma vez que sabemos que as escolas públicas dificilmente preparam para o nível de abstração que existe desde o início da formação. Fica claro que devemos mudar a rapidez com o que as coisas acontecem na Poli, para que esse público, que é altamente qualificado, não se sinta desestimulado, uma visão que também é compartilhada por outros professores. A preocupação da escola com metodologias e competências ativas também é uma novidade no ensino, pois se havia antes disso alguma preocupação com novos métodos de ensino, como eram o caso dos professores Aquiles e Brandi, não eram um pensamento de todos os professores, mesmo os bons. Com a introdução de um novo público, essas questões tornam-se necessárias."

**Tem alguma memória marcante na Poli?**

Lembro de, em 1973, assistir o famoso "show proibido" de Gilberto Gil, no anfiteatro da Poli. Um momento muito emocionante foi uma festa que fizemos no prédio da História, para nos despedirmos dos portugueses que estavam exilados no Brasil e que poderiam voltar para Portugal, por causa da Revolução dos Cravos, e foi uma festa muito bonita e talvez tenha sido nela que a polícia cercou o prédio e nos obrigou a sair. Os alunos da Poli em geral eram alheios a esses movimentos, quem percebia eram aqueles que se envolviam, como é o caso do Grêmio, tanto que vários desses alunos atualmente fazem parte de um grupo chamado de Engenheiros pela Democracia.

**Tem mais alguma consideração que você gostaria de fazer?**

Uma última consideração, e não sei muito bem em que tópico ela se encaixa, é que um hábito que me deixa bastante chateado é ver vários grupos de politécnicos, em redes sociais, ridicularizando cursos de humanas, artes e comunicações, pois isso já acontecia há mais de cinquenta anos. Ver que, talvez, nada tenha mudado me deixa sinceramente triste. Apesar disso, encontro muitos alunos interessados em uma ampla gama de assuntos, e realmente desejo que aqueles que eu vejo que ridicularizam outros cursos sejam minoria na Poli.

ENTREVISTA POR:

Vinicius Toth,  
Engenharia de Materiais, 3º ano.

Alice Cracasso,  
Engenharia Elétrica, 2º ano.

# Engenheirando

## Além de Edison e Tesla: O engenheiro que mudou como usamos nossa energia

### Quem foi William Stanley Jr?

William Stanley Jr. foi um inventor e engenheiro norte-americano, responsável pela criação do primeiro transformador de corrente alternada, e outros aparelhos elétricos como um medidor de energia elétrica, além de criar a primeira garrafa térmica a vácuo.

Stanley foi um dos mais importantes inventores da energia AC, seu trabalho o coloca a par com Edison, Westinghouse, Tesla, Elihu Thomson, Charles Brush e outras personalidades importantes da época, embora não seja tão reconhecido quanto Edison e Tesla.

"Stanley tornou os transformadores práticos da mesma forma que Edison tornou a lâmpada prática" - Tom Blalock, historiador, 2014.

### História

William Stanley Jr. nasceu no Brooklyn em Nova York, foi para a Williston Academy em Massachusetts, Universidade de Yale, com 21 anos. Começou a estudar direito, mas abandonou após 3 meses, e retornou para Nova York muito interessado nos campos da eletricidade e magnetismo graças às descobertas de Edison.

Em 1883, inspirado pelo trabalho de Charles F. Brush em baterias que envolviam estudos de forças eletromotrizas, Stanley desenvolve alguns circuitos de corrente alternada em anotações de seu caderno, mas ainda não tem a oportunidade de construir um protótipo. Isso lançou as bases para a sua compreensão sobre eletromagnetismo, a base de circuitos AC.

Stanley escreveu sobre essa época:

*"Eu percebi naquela época, vagamente, para falar a verdade, mas ainda com precisão suficiente para perceber algo de valor, que as correntes alternadas poderiam ser usadas para*

*produzir força eletromotriz sobre o circuito a ser regulada, no lugar das forças eletromotrizas das baterias sugeridas por Brush e as forças eletromotrizas de resistência de Weston e Thomson. Não pretendo dizer que naquela época eu tinha total conhecimento sobre a invenção - que veio depois - mas que foi o ponto de partida de onde trabalhei até que, em 1885, o sistema completo foi desenvolvido."*

Stanley disse que no período antes dos sucessos da indústria em 1885 necessitou de "muita auto-convicção" para continuar trabalhando com fonte AC devido a muitos problemas com os experimentos. Não existiam livros bons sobre essa tecnologia e ele se referia a fonte AC como "linha de trabalho desprezada e rejeitada".

Em 1884, Stanley se muda para Pittsburgh para trabalhar com Westinghouse. Ele trabalhou resolvendo problemas na distribuição de corrente alternada, mas não tinha um alternador para trabalhar. Ele "gastou" muito tempo tentando converter fonte DC para AC em experimentos.

Em 1885, após descobrir os avanços de Stanley, Westinghouse o promove a engenheiro chefe na fábrica de Pittsburgh. Foi nessa época que um protótipo de transformador AC foi desenvolvido pelo francês Lucien Gaulard e o inglês John Gibbs.

FONTE: AUTOR DESCONHECIDO



Um dos 19 transformadores usados na instalação de Great Barrington.

Na primavera Stanley pede para Westinghouse um gerador Siemens e transformadores de Gaulard e Gibbs da Europa. Stanley pensa que o transformador de Gaulard e Gibbs não era útil comercialmente. Ele acreditava que poderia resolver os problemas no sistema fazendo com que o transformador fizesse com que cada bobina operasse independentemente das outras no circuito e que fosse auto-regulado, tanto em força eletromotriz, quanto em transformação de corrente. Assim, criou o primeiro transformador de corrente alternada prático, que mais tarde se tornaria o transformador moderno que temos hoje em dia.

Em 1886 Stanley mostrou o primeiro sistema completo de transmissão de corrente alternada de alta tensão, com



Fotografia de William Stanley Jr.

geradores, transformadores e linhas de transmissão de alta tensão. Graças ao seu sistema foi possível levar energia elétrica em grandes áreas.

Em 1890 Stanley fundou a Stanley Electric Manufacturing Company em Pittsfield, no estado de Massachusetts.

Em 1913, a partir da criação da garrafa térmica criada por Sir James Dewar, Stanley criou a garrafa térmica que conhecemos hoje. Usando de conhecimentos de soldagem que adquiriu com os trabalhos com transformadores,

conseguiu criar um isolamento à vácuo entre duas peças de aço, solucionando o problema da fragilidade do modelo de Dewar. Mais tarde, em 1915, Stanley iniciou a produção dessas garrafas, que são famosas até os dias de hoje.

Em 1916, William Stanley Jr faleceu aos 57 anos de idade.

### Legado

William Stanley Jr foi um grande engenheiro que viveu a famosa guerra das correntes, que foi a disputa para decidir qual era a melhor opção para transmissão de energia, a corrente alternada de Tesla ou a corrente contínua de Edison. Ambas tinham suas vantagens e desvantagens, como a corrente alternada ser excelente para transmissão de longas distâncias, mas usava tensões muito altas, e a corrente contínua tinha tensões razoáveis para serem usadas em aparelhos elétricos, mas não cobria um grande alcance de transmissão. A invenção que conseguiu unir as qualidades das duas opções e não ter os problemas que cada uma apresentava, foi o transformador de Stanley. É interessante pensar que quando se pensava ter que escolher uma das correntes, graças a Stanley achou-se o caminho do meio.

Também outro legado importante para a engenharia de Stanley foi a evolução na garrafa térmica, que até hoje ajuda muitos engenheiros em suas tarefas levando café, chá ou, até, chimarrão.

Hoje em dia usamos a energia elétrica em nossas casas que passou por um transformador para que possamos fazer as mais diversas atividades, além de podermos desfrutar de uma bebida quente ou fria mantendo sua temperatura por mais tempo. Tudo isso graças aos esforços de diversas pessoas. Uma delas? William Stanley Jr.

Jobel Junior,  
Engenharia Elétrica, 3º ano.

# Outras facetas do Grêmio: os departamentos

## Cursinho Popular

Fundado em 1987, pelo professor Dr. Décio Leal de Zaggottis, e posteriormente reformulado em 2006, o Cursinho Popular da Poli USP é um projeto preparatório para os mais diversos vestibulares do país, que recebe cerca de 400 alunos por ano e busca garantir a democratização da educação àqueles que se encontram em vulnerabilidade socioeconômica e que sonham com a conquista do ensino superior, cada vez mais elitizado.

Para que esse objetivo seja cumprido e o sonho dos alunos realizado, o CP conta com uma vasta e diversa equipe, composta não só por universitários, mas principalmente por pessoas que acreditam e buscam tornar a educação acessível. Para isso, os membros trabalham de forma inteiramente voluntária e compõem a diretoria, a coordenação e a equipe docente (professores e plantonistas). Os diretores e coordenadores são anualmente nomeados, o que garante a rotatividade e a oportunidade de atuar em diversas partes do cursinho.

Graças à equipe e à atualização diante das tecnologias, o perfil demográfico dos alunos é bastante amplo e variado, já que alcança pessoas de quase todos os estados do país via modalidade online. Ademais, em razão da variedade de turmas e da política de inclusão e respeito, os alunos do cursinho possuem variadas idades e gêneros e a liberdade de serem quem são.

O cursinho oferece três tipos de turma: o Ciclo-básico, trata-se de uma turma online semestral voltada àqueles que buscam fortalecer de forma gradual sua base de conhecimentos do ensino médio; o Extensivo, turmas anuais em formato online e presencial totalmente voltadas para a preparação dos vestibulares; e o Semi-extensivo, que busca preparar os alunos para os vestibulares a partir do segundo semestre com matérias mais concentradas.

Com o objetivo de garantir uma boa experiência e preparação aos alunos, o Cursinho Popular da Poli USP tem parceria com o ETAPA, podendo desfrutar do material disponibilizado ao longo do ano em forma de apostilas (físicas e digitais) e do Sistema Etapa, uma rede de apoio aos professores e alunos com materiais extras e diversas ferramentas de estudo. Além disso, a equipe,

sempre muito atualizada e capacitada, oferece tutoria para os alunos que possuem dificuldade com a organização pessoal frente aos estudos, aulas de reforço em pequenos grupos, plantões de dúvida em formato presencial e online e, através da ONG Papo Futuro, consegue doações de dispositivos eletrônicos a fim de garantir acesso à educação remota a jovens de baixa renda.

Em suma, o CP, ano a ano, tem permitido que jovens e adultos conquistem seus lugares nas mais variadas faculdades do país por meio do trabalho voluntário e da fé na educação para todos!

Venha fazer parte da família CP USP, acesse nosso site [www.cursinhopoliusp.com](http://www.cursinhopoliusp.com) e nosso instagram [@cursinhopoliusp](https://www.instagram.com/cursinhopoliusp).

**Ana Geromel,**

**Coordenadora de Comunicação Institucional do Cursinho Popular.**

## Grupo de Teatro da Poli

O Grupo de Teatro da Poli - GTP -, iniciou suas atividades, num processo orgânico e espontâneo, nos corredores e em programa de rádio na Escola Politécnica desde 1945. Em 18 de agosto de 1950, foi oficializada como entidade sendo fundada com a finalidade de arrecadar verba para a construção da Casa do Politécnico - a Cadopô. Desde então, ela se tornou parte integral do Grêmio Politécnico, encabeçando o braço cultural dos grupos de extensão.

O Grupo é um espaço de socialização para politécnicos, tanto com outros integrantes da Poli, como com outros usuários e até mesmo pessoas externas à Universidade, estimulando a troca de experiências e visões entre seus participantes.

Atualmente, o GTP conta com dois núcleos, o Amarelo, voltado aos iniciantes, e o Verde, que atende àqueles que já possuem experiência de palco. Ambos os núcleos trabalham o método da Pessoaalidade, criado por Antonio Januzelli, ator e encenador, que dá nome ao Laboratório Dramático onde ocorrem as aulas e apresentações do grupo. O laboratório foi reformado pelos próprios gtpenses após ser cedido pelo prédio do Biênio ao grupo, e conta com figurinos, objetos de cena, caixas de som e luzes próprias para apresentações teatrais.

Ambos os núcleos se apresentam em temporada de outubro

a dezembro de cada ano, sendo suas apresentações mais recentes O Beijo no Asfalto e Boca de Ouro, ambos de Nelson Rodrigues. Todos os anos o grupo realiza um aulão ao começo do ano para que os interessados possam conhecê-lo e entender como é uma aula de teatro. Para conferir o trabalho do grupo, você pode ouvir a rádio-peça Causos da Cadopô, disponível no canal do GTP no YouTube e em aplicativos de streaming de áudio, além de participar das aulas, que ocorrem às segundas e terças-feiras às 18:30.

**Néia Barbosa, Professora do GTP, e Andrey Gomes, Mestrando em Transportes.**

## Escritório Piloto

O Escritório Piloto é um laboratório interdisciplinar, localizado na Sala S33 do prédio da Engenharia Civil e Ambiental, voltado à extensão popular que conta, em 2024, com 6 grupos de extensão e 4 coletivos sociais, totalizando assim 10 grupos participantes: PoliGNU, Amphibia, Move EP, Elas pelas Exatas, Fala Sério, Da Periferia para o Mundo, Coletivo PoliGen, Coletivo Poli Negra, Frente Poli Pride e Coletivo Feminista Clássica Alexandra Kollontai. Também já amparou famosos grupos como AgroEco, Bandeira Científica, Enactus e Museu Para Quem?.

Criado em 1953, o EP surgiu com o intuito de permitir que os estudantes de engenharia civil pudessem aplicar projetos reais de suas áreas. Logo nos seus primeiros anos de existência, passou a integrar o Grêmio Politécnico como um departamento. Assim adquiriu um viés social: os projetos realizados seriam para comunidades em vulnerabilidade socioeconômica. Desde o início,

o EP contou com o auxílio docente da Poli e, no decorrer de sua história, deixou de ser centrado na Engenharia Civil e abarcou as demais áreas da engenharia e de outros cursos, mantendo o viés social. Em momentos passados, como na década de 1980, o EP participou do planejamento e da reforma do CRUSP, sendo esse o primeiro projeto de Retrofit feito no Brasil.

O EP está contemplado em um dos três pilares da universidade - isto é, "ensino, pesquisa e extensão" -, e seu intuito é devolver à sociedade o conhecimento técnico adquirido na universidade, compreendido como extensão popular. Nesse conceito de extensão popular, o Escritório Piloto trabalha, principalmente (mas não exclusivamente), com a engenharia popular, por ser um laboratório interdisciplinar no universo da Poli, bem como um local de acolhimento e refúgio de minorias no dia a dia da universidade. Para aplicá-la, o EP traz consigo uma gestão horizontal, ou seja, não há pessoas que comandam o grupo diretamente.

O Escritório Piloto é um espaço de extrema importância para a história da Poli e para seu futuro, bem como para a proteção e apoio dos grupos minoritários. Caso queira conhecer mais sobre os nossos projetos, frequentar o espaço e trazer novas ideias e pessoas que caminham para uma Universidade popular e acolhedora, você será muito bem-vinde na Sala S33 do prédio da Civil/Amb!

Instagram: @escritoriopiloto  
Contatos: Letizia (11 95133-5875), Thiago (11 98905-9293)

**Letizia Bezerra,**  
**Engenharia Química, 5º ano,**  
**Co-Diretora do Escritório Piloto.**

REPRODUÇÃO: GABRIEL REIS



Roda de conversa no Escritório Piloto

# Arte e Cultura

## O Politécnic Viu: Nimona



REPRODUÇÃO / NETFLIX

Personagem Nimona

Em uma cidade murada, Ballister Blackheart (Riz Ahmed) será condecorado cavaleiro, mas jamais esperaria que a ovação recebida do público seria apenas um instante antes de se tornar odiado pela massa e procurado como criminoso. Em seu esconderijo improvisado, recebe a visita de Nimona (Chlöe Grace Moretz), uma garota que muda de forma e também foi jogada à margem da sociedade pela rejeição. O encontro inesperado entre os dois que, aparentemente, diferiam em princípios, traz a possibilidade de Balli provar sua inocência e retomar seu posto de cavaleiro.

Indicado ao Oscar de melhor animação, o filme é resultado de um projeto descartado pela Disney, mas revivido pela Netflix e Annapurna Pictures e baseado em uma história em quadrinhos homônima de ND Stevenson.

**Diego Roiphe de Castro e Melo,**  
Engenharia Civil, 2º ano.

O filme é esplêndido. Difícil dizer menos (ou mais) que isso. Precisaria revê-lo para notar detalhes que, seguramente, não notei, pois tudo foi bem pensado e encaixado. As cores, a trilha sonora, as vozes compoem cenas e diálogos marcantes que, longe de serem vazios, exploram os sentimentos humanos com uma profundidade que eu não via há tempos em alguma animação, mostrando e exaltando o amor e a empatia como única alternativa para quebrar o ciclo vicioso da rejeição e do ódio.

**Nota: 10**

**Gabriel "Karlinhos" Teixeira,**  
Engenharia de Materiais, 1º ano.

É definitivamente uma das animações mais bem pensadas da atualidade; considerando que até o cuidado com as cores em determinados momentos é tão intrínseco à narrativa (chega a arrepiar), eu acredito que poucas obras cinematográficas dedicam tanto para uma devida imersão no enredo.

**Nota: 10**

**Henrique Xavier,**  
Engenharia de Produção, 1º ano.

Confesso que quando me convidaram para assistir ao filme eu mal tinha entendido seu nome, não sabia nem que se tratava de

uma animação. Isso fez com que eu não tivesse nenhuma expectativa, mas honestamente isso foi ótimo, pois pude criá-las ao longo da obra e, mais importante do que isso, tê-las todas superadas ao final. Aliás, que final, que história, que tudo. Sem palavras.

Contando com uma arte visual e uma trilha sonora capazes de deixar o espectador boquiaberto, Nimona é certamente uma animação brilhante. Sem nenhum tipo de conhecimento sobre sequer a existência da obra, posso dizer que a ausência de expectativas foi um fator que instigou cada vez mais a minha curiosidade enquanto assistia. O filme foi capaz de proporcionar um mix de sensações e sentimentos, dos mais variados, inclusive, pois ao mesmo tempo que podemos sentir compaixão e empatia, somos capazes odiar e hostilizar um personagem.

A abordagem de tópicos que tangem ao falso e exacerbado moralismo, à exclusão e pertencimento, ao conservadorismo e seus impactos sociais e à visibilidade às populações marginalizadas na sociedade como os pobres e a comunidade LGBTQIA+, pode gerar inúmeros pensamentos controversos e debates polêmicos; mas não se pode negar que tais temáticas são trazidas à tona de modo muito inteligente e, sobretudo, divertido, de tal forma que não sabemos se rimos, gritamos por ódio a um determinado

personagem ou choramos, pois fato é: a maneira como o filme consegue fazer-nos sentir e experimentar a dor dos protagonistas é surreal.

Novamente, é importante destacar o imenso carisma contagiante que é esbanjado pela personagem que carrega o nome do filme e, principalmente, o prazer satisfatório que é acompanhar o florescimento e desenvolvimento da relação entre Nimona e Ballister, seu companheiro de astúcias e aventuras ao longo de todo o filme. Sem dúvidas, julgando pela introdução, a obra aparenta ser um clichê fantasioso extremamente convencional, mas fica claro que está muito distante disso, já que trata de tópicos extremamente atuais e que refletem (e muito) a dinâmica social contemporânea, marcada, por exemplo, por inúmeros jogos políticos, movimentos invisibilizados e rechaçados e valores e costumes tradicionais ainda não superados por uma sociedade cada vez mais anacrônica.

É super interessante perceber o modo como se acompanha a aproximação e criação de vínculo dos "vilões" e, principalmente, como somos instigados a simpatizar com eles. Aqui, pude sentir algo que só tinha sentido anteriormente com La Casa de Papel, que é o questionamento de quem são os verdadeiros vilões e quem são os mocinhos, além de torcer e aprender a gostar daqueles ditos

"os caras do mal". Esse detalhe me pegou de um jeito muito inesperado, mas claramente foi algo extremamente positivo.

Minha única e não tão expressiva crítica à obra é a velocidade um pouco exagerada com que o enredo é contado e apresentado ao leitor, não apenas o presente, como também o passado, o que pode gerar uma certa confusão e possível menor entendimento da história por parte do espectador. Esse fato, entretanto, não foi capaz de suplantiar a qualidade excepcional do filme, o enredo e personagens extremamente cativantes e, essencialmente, as críticas e alegorias super pertinentes carregadas pelo longa.

**Nota: 9,5**

**Bruno Pereira dos Santos,**  
Engenharia Civil, 3º ano.

Já é minha quarta vez vendo Nimona, mas mal sabia eu que, mesmo já sabendo tudo que viria a ocorrer na obra de trás para frente, continuou a ser um filme divertido, que não pesa e que, para além de suas mensagens, surpresas, variação do enredo, é uma ótima forma de entretenimento, é uma obra que dá aquele calor no peito que às vezes tanto nos faz falta. Todavia, não vim aqui falar da minha quarta experiência assistindo à Nimona e sim da minha primeira.

Como um grande apaixonado por animações, assim que vi um

## Arte e Cultura

vídeo da maravilhosa Isabela Boscov sobre Nimona já inicialmente agradecendo a quem lhe recomendou a animação, pausei-o e logo fui assistir ao filme. Foi inimaginável eu, um jovem gay que antes na vida só havia visto personagens que parecessem ser mais afeminados em vilões da Disney, já lidar nos primeiros minutos de Nimona com um casal gay – e não como aqueles casais de fundo ou supostos personagens LGBTQIA+ que aparecem escondidos em alguma série animada ou um filme mal feito da Disney –, e sim, em um filme de repercussão produzido e divulgado pela incrível Annapurna e pela Netflix. Esse início já tinha feito meu dia (sou feliz com pouco), mas a partir daí o filme mostrou também ter um enredo maravilhoso e uma temática fundamental e um tanto rara de se ver em um entretenimento mais “infantil”, que é a dubiedade do que é mesmo um vilão, um monstro.

É nesse ponto, na mensagem, que entra Nimona: o título, a cara e a alma dessa obra, um entrave ao dito normal naquela sociedade, uma metáfora ao questionamento quanto aos padrões binários de gênero, à estrutura arcaica e a criação de falsos espantalhos morais que podem levar ao colapso social. Antes disso toda a história ia leve, desenvolvendo uma criança carismática, rebelde, cômica, interessante e extremamente for-

te e que no fim de tanta pressão e desconfiança... desaba. Aí que está o maior dos diamantes nesse tesouro, nós desabamos juntos, e um filme um tanto leve, de repente, pesa sobre o peito a ponta da espada do tal julgamento moral. É impossível não estar com Nimona ao fim de tudo, destruído, mas com aquela esperança ao fim. Pouco detalhes para aqueles que não viram esse filme excepcional. Sei que não sou crítico de cinema, não analisei o roteiro a cada letra, posso até dizer que adorei o enredo ou a direção, porém nem sei direito o que isso quer verdadeiramente dizer, todavia o que eu senti nesse filme – e espero que muitos que tiveram a oportunidade de vê-lo ainda mais novos, tenham sentido –, para mim vale muito mais.

**Nota: 10**

**Hoff,**  
**Engenharia Elétrica, 2º ano.**

Esse filme é FANTÁSTICO. O visual, a trilha sonora, os personagens, a história... tudo!

O filme inteiro, na minha interpretação, é uma grande metáfora a respeito de como a humanidade às vezes fica cega: ao replicar costumes, passados de geração para geração, sem pensar a respeito do porquê de aquilo estar sendo feito, sem se questionar se aquilo realmente faz sentido, repetimos erros grotescos ensinados a nós

pelos nossos pais (incidentemente, o meu texto “A Estrada dos Fracos”, na página 6 deste jornal, trata a respeito do exato mesmo assunto). Isso gera um medo – o medo de mudança. O medo do que aconteceria se deixássemos para trás os nossos costumes conservadores. A respeito disso (spoilers), o filme encoraja-nos, mostrando que mudar pode ser uma coisa boa. Os “monstros” representam o desconhecido, a mudança. A muralha representa os costumes conservadores irracionais, e o rompimento dela representa a aceitação do novo como algo bom.

É difícil não se emocionar; a metáfora do filme se aplica a tantos contextos diferentes que eu diria que é quase impossível alguém assistir e não se identificar minimamente com a protagonista. Um dos melhores filmes que já vi!

**Nota: 10**

**Yasmin Francisquetti,**  
**Engenharia de Computação, 2º ano.**

Assisti Nimona pela primeira vez bem perto do lançamento, primeiramente interessada pelo trabalho de Nate Stevenson posteriormente à “She-Ra e as Princesas do Poder”, e novamente fiquei encantada com seu trabalho e as relações entre seus personagens. Mesmo mediante todos os problemas de desenvolvimento,

digo, com muita felicidade, que o filme persistiu.

O estilo da animação e a temática rapidamente me chamaram a atenção; porém, o que realmente me surpreendeu sobre Nimona foi a profundidade na sua abordagem acerca das relações sociais e a alienação estatal. A princípio, o filme parece ser vítima da história tradicional que separa os heróis dos vilões em uma definição muito bem estabelecida no início, porém, estamos em um caso em que os personagens possuem papéis fluidos, seja devido aos conflitos no meio da trama ou revelações de caráter e intenção.

Os personagens do filme possuem dinâmicas interessantes e se relacionam de maneiras inusitadas. Foi muito divertido observar o que inicialmente era uma relação simbiótica se tornar tão forte quanto um laço familiar, principalmente mediante momentos de crise e vulnerabilidade. O final é surpreendente e aborda uma temática muito séria acerca do preconceito e da segregação em conjunto com seus impactos nos indivíduos isolados, passando uma mensagem muito valiosa. Mesmo que um pouco apressado, esse filme ocupa um lugar muito grande no meu coração, principalmente pois, assim como Nimona, todos queremos nos sentir vistos.

**Nota: 9,5**

## Esporte

### A Paixão da Poli

O dia a dia na Poli exige tempo e dedicação. São muitas matérias difíceis, com atividades para entregar e provas para fazer, e toda essa rotina faz com que o único exercício praticado pela maioria dos estudantes seja uma monótona caminhada até o bandeirão no horário do almoço. Entretanto, sabemos que nem só da parte acadêmica vive o politécnico. Também precisamos de espaços para desestressar, socializar e esquecer, mesmo que por algumas horas, da P1 de Algelin. Assim, com o objetivo de despertar aquilo que é mais humano no politécnico, nossas modalidades nasceram para trazer o esporte para o cotidiano dos alunos, e a Atlética nasceu para ajudar as modalidades nesse objetivo e, no processo, despertar algo essencial: Paixão pela faculdade.

Calma, vamos dar um passo

para trás. Quais são as modalidades? Do que se alimentam? Onde praticam? De maneira breve, as modalidades são os grupos de alunos que praticam um determinado esporte. Do Rugby ao Xadrez, do Jiu-Jitsu ao Valorant. Todas elas podem ser encontradas no site da Atlética, mas as chances são que, se a modalidade não envolve gelo (Está para sair o Poli Penguins) ou uma herança milionária (Poli Cricket não está na moda), a Poli tem. Dessa maneira, para jogar no maior inter da USP, amassar os times das faculdades privadas, ganhar do Mackenzie e levantar o troféu, tudo começa com os treinos semanais – os quais geralmente ocorrem no Centro de Práticas Esportivas da USP – e com a integração com o time que se torna uma família.

Falando sobre o auge da integração universitária, o momento

no qual os mitos, como “O BF não usa calcinha”, e as melhores histórias, como o famoso “Sabadinho”, são criados, a InterUSP, é o rolê que você não pode perder. Nesses quatro dias, os melhores momentos da Poli acontecem. Nossos atletas dão tudo de si, a torcida espera ansiosamente para cantar “Eu sou da Poli, a mais fudida do Brasil!” e, paralelamente, as melhores festas, shows e risadas acontecem. A fim de tornar cada um desses momentos inesquecíveis para todos os politécnicos, a AAAP se prepara o ano inteiro para o melhor inter da USP, criando os melhores artigos, batatas e um plano de associados com as melhores parcerias para que a experiência em usar o azul e amarelo seja a mais especial possível.

Além disso, mesmo que o nosso ápice seja ir para o interior jogar, dançar, beber e se divertir, é impossível viver só na ansiedade o semestre todo. Por isso, temos os nossos famosos HHs, rolês que acontecem dentro da própria USP

e com outras entidades, nos quais a música é boa, a bebida é forte e as amizades se tornam ainda mais especiais. Ademais, para que o cotidiano na Poli se torne mais leve, nossa sede é o espaço dos alunos para os alunos, onde todos vão para jogar um FIFA, um truco, dormir no sofá ou só jogar conversa fora e esquecer da aula de Cálculo I que ninguém quer ver.

Por fim, a Atlética da sua amada Escola tem como objetivo principal apoiar o esporte universitário e manter viva a paixão pela juventude de todos os alunos – a paixão que faz todos nós nos esforçarmos para alcançar sucesso na quadra e na sala de aula. Logo, os duros anos da graduação na Poli se tornam os melhores anos na vida de qualquer aluno que se arrisca em viver tudo que esse ambiente incrível tem a proporcionar.

**Geovanna Bispo Almeida,**  
**Engenharia Mecatrônica, 2º ano.**

**Caio Moura Castro,**  
**Engenharia Elétrica, 2º ano.**

## Arte e Cultura

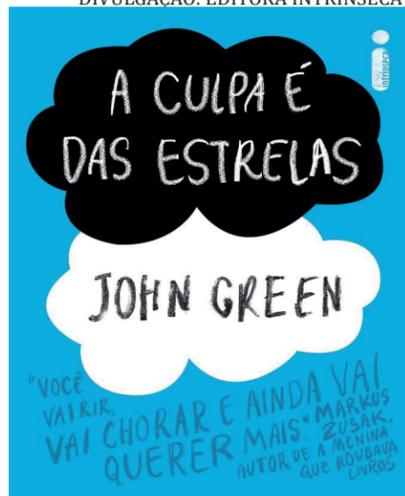
# O Politécnic Leu: Um compacto de recomendações

Inseridos no ambiente da Poli, inundados de listas intermináveis, trabalhos maçantes e fórmulas para decorar, é comum ocorrer o distanciamento da subjetividade, do fantástico e do artístico. Nas semanas de prova, quem o diga!

O OPL - O Politécnic Leu -, é uma das artimanhas deste jornal, com objetivo de, através de livros - e para aqueles que quiserem -, tentar restaurar a conexão dos alunos da Poli com o universo subjetivo da imaginação literária. Sente-se um pouco, relaxe, e esqueça a correria da Poli.

Aqui, temos um compilação de recomendações literárias para que você embarque numa leitura envolvente pelo mundo da literatura, restaurando um vínculo importante com a criatividade!

DIVULGAÇÃO: EDITORA INTRÍNSECA



**A culpa é das estrelas**

**Beatriz Medeiros da Silva,**  
Engenharia Civil, 2º ano.

Enquanto lia "A culpa é das estrelas" pensei sobre diversas coisas, coisas aleatórias, "filosóficas", ou, só simplesmente relacionadas ao livro.

Uma frase em específico da Hazel ficou em minha mente: "Existem infinitos maiores que outros".

Sinceramente, eu realmente

acredito nisso, nossos infinitos podem ser diversas coisas, pessoas a quem nos apegamos e amamos, momentos únicos que nos fazem sentir algo especial, ou simplesmente o vasto do universo. Você talvez se pergunte "o que o universo tem a ver com isso?", bem, não sei lhe explicar ao certo, mas, o universo é gigantesco, infinito, existem infinitas possibilidades na vida, infinitas escolhas, infinitos planetas, infinitos universos, tudo se expande - no universo ou no nosso planeta, a Terra. Bom, com essa explicação espero que você, caro leitor, tenha entendido (já me disseram que eu consigo ser bem sem nexos).

Como o Augustus mesmo disse, ele não é bom em escrever, mas, tenho que te dizer, ele é ótimo em expressar o que sente - coisa que invejo um pouco; infelizmente nem sempre consigo expressar o que sinto e, por conta disso, por vezes perco pessoas. A carta final do Gus foi realmente linda, expressou

como ele via a Hazel, o quanto a amava e seus sentimentos por ela além do amor.

Tenho que assumir, John Green é um escritor realmente maravilhoso, a forma como ele trabalhou com cada um dos personagens foi algo incrível de se ler, a forma como ele escreve, como ele consegue expressar a forma que o personagem se sente, como ele utiliza cada palavra - eu amei o fato de ter que ir pesquisar algumas palavras, isso foi uma experiência realmente interessante e enriquecedora.

Sob todos os efeitos do que escrevi, esse livro é incrível e, eu ficaria extremamente feliz de tê-lo em minha pequena prateleira de livros, e por fim lê-lo várias vezes e ficar com muitas outras frases além de "alguns infinitos são maiores que outros", ou, no caso, alguma outra frase com o mesmo sentido da que li.

**Nota: 8**

**Autor: John Green**  
**Ano de publicação: 2012**  
**Editora: Editora Intrínseca**  
**Páginas: 288**

### Uma canção de Natal

**Murilo Ferreira Noronha,**  
Engenharia de Produção, 4º ano.

DIVULGAÇÃO: PENGUIN-COMPANHIA



PENGUIN COMPANHIA

CLASSICOS

CHARLES DICKENS

Uma canção de natal



Trago a corrente que forjei ao longo da vida. Eu a fiz elo por elo, metro por metro; amarrei-a a mim por vontade própria, e por vontade própria agora a carrego.

O que você quer deixar para este mundo quando partir? Que herança espera dar? Qual legado, que memória imagina que seus próximos - sejam amigos, colegas, amores - usarão para descrever quem foi você? É muito provável que já tenha caído nesse pensamento em algum momento da vida (talvez esteja pensando agora enquanto lê minha resenha), e o clássico de Charles Dickens provoca esse questionamento já desde o início.

Quem já assistiu a pelo menos uma das adaptações, sendo a mais famosa Os fantasmas de Scrooge, da Disney, já sabe do que se trata esta obra prima. A quem não tem ideia do que estou falando, explico com uma sinopse: Ebenezer Scrooge, nosso protagonista, é um senhor rico, amargo e avarento vivendo no berço da revolução industrial, a Inglaterra, na primeira metade do século XIX. Chefia a empresa Scrooge & Marley, e seu sócio, cujo nome o caro leitor pode deduzir facilmente, faleceu há 7 Natais. Em mais uma das vésperas de Natal que Ebenezer escolhe ser cruel com seus parentes

e frio com qualquer ser vivo que cruze o seu caminho, algo anormal acontece. Scrooge é visitado em sua casa pelo espírito de seu falecido sócio, que após um diálogo que desafia toda sua descrença no que estava presenciando, notifica que em breve receberá a visita de três fantasmas: o dos Natais passados, do Natal presente e o do Natal futuro. Cada uma das entidades terá um papel diferente em sua jornada, ensinando a consequência de sua crueldade e evidenciando ao leitor a miséria que foi e é a vida de um dos homens menos queridos que poderíamos conhecer na literatura.

Apesar do nome e de todo o contexto, que inclusive contribuiu para a forma como as festas de fim de ano são celebradas até hoje, o Natal aqui não se trata do foco da história, mas sim de um pretexto para a reflexão sobre a vida, laços, propósito, desilusões e amargura. Diferentes circunstâncias interferem na construção da nossa personalidade e na forma como nos relacionamos ao longo de nossa existência. Porém cabe a nós nos entregarmos às adversida-

des ou combatê-las em busca de uma vida feliz. Enquanto se lê a história de Scrooge, é difícil, para não dizer impossível, não refletir sobre nosso papel nessa busca. De quem foi a culpa no momento mais difícil da sua vida? Quanto o que ficou para trás interfere em quem você é agora para as pessoas ao seu redor? O quanto você acredita que precisa mudar, e, por fim, volto à pergunta do começo do meu texto: que legado você deixará quando chegar sua hora?

Uma canção de Natal é um livro importantíssimo, com influência na cultura, na arte (rendendo inúmeras adaptações e até servindo de inspiração para a criação de personagens como o Tio Patinhas) e na vida de quem lê percebendo que não se trata de apenas um conto natalino. Para mim, o feriado é o que menos se fala nesta obra.

**Nota: 10**

**Autor: Charles Dickens**  
**Ano de publicação: 1843**  
**Editora: Penguin-Companhia**  
**Páginas: 136**

## Arte e Cultura



### O mundo de Sofia

Isabel Bernardes,  
Engenharia Ambiental, 2º ano.

O Mundo de Sofia conta a história de ninguém menos que Sofia, menina de quatorze anos que começa a receber cartas anônimas de um homem chamado Alberto Knox, um filósofo que acaba envolvendo a protagonista e o leitor no mundo da filosofia. Fazendo com que Sofia tenha uma nova perspectiva sobre a sua realidade ou o surgimento dela, ele traz ensinamentos de pensadores reais, traçando um panorama geral da

história da filosofia.

Enquanto nós como meros leitores acompanhamos a Sofia e os efeitos que as cartas fazem em sua vida real através dos seus próprios questionamentos e atitudes que a levam a descobertas surpreendentes, passamos a questionar até mesmo nossa própria realidade, não sabendo reconhecer o tempo em que se passa a história e muito menos o que é verdade ou mentira, no desenrolar do livro.

Conforme eu fui lendo, fui compreendendo muitos contextos ideológicos atuais, e vendo como e por que isso influenciava no meu cotidiano e muitas vezes até na minha forma de pensar, mostrando a importância de se entender o passado, vendo o presente, para a construção do futuro. Dessa forma, percebi que cada vez que eu ler esse livro novamente, por mais que sejam as mesmas palavras, elas terão efeitos e interpretações diferentes na minha vida.

**Nota: 10**

**Autor: Jostein Gaarder**  
**Ano de publicação: 1991**  
**Editora: Editora Seguinte**  
**Páginas: 568**



### Solo Leveling

Eduardo Vieira,  
Engenharia Metalúrgica, 2º ano.

Você participaria de um “RPG”? As crianças dos anos 80 diriam que sim, mas você, universitário moderno... Para Sung Jin Woo, mesmo com a pior das ocupações, a mais fraca, não foi mesmo uma escolha.

O seu mundo mudou há 5 anos, quando portais para outras dimensões se abriram em

todo o mundo, trazendo consigo criaturas que antes achávamos mitológicas, e pessoas despertando habilidades mágicas semelhantes a um jogo de tabuleiro medieval. O protagonista é reconhecido, não pelos motivos mais óbvios, mas como o mais fraco do mundo. Suas habilidades são nível E, numa classe que vai até S. Mas chega uma raid, num típico labirinto, que traz uma reviravolta: estamos falando de subir o nível.

Este foi meu resumo de “Solo Leveling” do Chugong, lançado em 2016 como novel, e em 2018 como web novel, desenhado pelo falecido Dubu (Jang Sung-Rak). Se você conhece alguém que ame gore, magia, rpg, “protá” evoluindo, e muita porrada, essa é pra ele e você também.

**Nota: 10**

**Autor: Chugong**  
**Ano de publicação: 2016**  
**Editora: (Online)**  
**Páginas: 2100**

## Extensão

# Novas oportunidades de extensão na Poli!

É comum ouvir dizer que a Poli tem três pilares: Ensino, Pesquisa e Extensão. Constituindo um dos três pilares, os grupos de extensão são uma parte importantíssima da jornada de qualquer politécnico. Por isso, separamos aqui alguns grupos de extensão incríveis que, por serem mais recentes na Poli, talvez você não conheça. Confira!

## Polifonia

O ano passado trouxe uma boa novidade para os estudantes da Poli – e da USP como um todo – que apreciam arte e cultura, principalmente na forma de música: a criação do Polifonia. A origem do grupo, contudo, data de um desejo longamente cultivado por quatro amigos que se apresentaram no Bishow de 2022: criar um ambiente de troca, apreciação e divulgação de música que pudesse ser acessível a todos, tornando a experiência universitária menos maçante e mais musical. Assim surgiu este novo grupo de extensão, focado em ensaios, jam sessions e apresentações, além de projetos de áudio e iluminação que unem engenharia à música e ao espetáculo.

sica e ao espetáculo.

Atualmente em fase de crescimento e consolidação, o Polifonia se soma a outros grupos culturais no trabalho pela ampliação do lugar da arte na Poli. O grupo também visa tornar-se cada vez mais eclético em termos de diferentes gêneros musicais e instrumentos, estando também aberto a quaisquer níveis de prática e experiência, e até a pessoas que não tocam nenhum instrumento. Em termos de organização, o grupo é aberto à USP como um todo e reúne entusiastas da música, que, em ocasião de apresentações, são agrupados de acordo com interesse e disponibilidade. Além disso, há uma divisão interna entre os setores de Música, Áudio, Visual, Financeiro e RH.

Em breve retrospectiva, a estreia do Polifonia nos palcos ocorreu no ano passado, no Bishow 2023. De lá para cá, o grupo se apresentou em um evento no PMI, no Aniversário de 120 do Grêmio, na Semana de Arte da Poli e, no fim do ano, no show Essências, primeira apresentação própria do grupo. Nela, apresentamos músicas para os mais diferentes gostos, músicas que representam e trazem a alma de cada um e portanto, do Polifonia como um todo.

Se você gosta de música e quer conhecer o Polifonia, siga no Instagram @polifoniausp, para ficar ligado em nossas próximas apresentações e projetos!

— Um baterista do Polifonia.

## Cyber Rats

Com a crescente integração da tecnologia no dia a dia pessoal, torna-se cada vez mais fundamental o entendimento de princípios de cibersegurança para proteger nossas informações pessoais e garantir a funcionalidade plena dos sistemas nos quais confiamos. A fim de suprir essa necessidade, criamos o novo grupo de extensão da Poli, o Cyber Rats, um dos únicos grupos universitários no Brasil comprometidos exclusivamente com o estudo e aplicação de técnicas de cibersegurança.

Nosso principal objetivo é promover o estudo e a prática de cibersegurança dentro do ambiente universitário. Para

## Extensão

alcançar essa meta, planejamos uma ampla gama de atividades para o ano de 2024. Desde palestras e workshops ministrados por grandes especialistas, até exercícios práticos de simulação de ataques e defesas, nossos objetivos são desenvolver habilidades práticas e proporcionar experiências tangíveis neste campo.

Fique atento no nosso Instagram @poli\_cyber\_rats, com-

partilharemos atualizações sobre as próximas competições, eventos e informações detalhadas sobre o processo seletivo.

— Equipe Cyber Rats.

### Equipe de Forja

Seja bem-vindo à Escola Politécnica! A @equipeforja está aqui para

te recepcionar nessa jornada única! Nascidos da paixão pela arte ancestral da forja, combinamos tradição com inovação, trazendo um toque de magia à engenharia.

Embarque conosco em uma aventura onde a ciência se encontra com a criatividade. A forja vai além de moldar metais - é a base da engenharia de materiais e metalurgia, criando estruturas robustas e du-

ráveis que impulsionam a inovação em diversas indústrias.

E não se surpreenda se nos encontrar fabricando nossas próprias facas e ferramentas (dizem que nossos membros já fizeram até anéis!). Junte-se a nós na próxima jornada e descubra o poder e a magia da forja na engenharia moderna.

— Lua de Metal, membro da Equipe de Forja.

## Política

# Condenado antes de julgado: mais de 6 anos sem Cancellier, ex-reitor da UFSC

Diego Roiphe de Castro e Melo,  
Engenharia Civil, 2º ano.



Toda morte é assassínio.  
Bernardo de Carvalho na voz de  
Buell Quain, em *Nove Noites*.

REPRODUÇÃO: JAIR QUINT



Cancellier em sua sala, fotografado por Jair Quint

Catorze de setembro de 2017. Na Folha de S. Paulo: "Reitor da UFSC é preso em operação que apura desvio de verba em cursos". No Bom Dia Brasil: "[...] mas é rouba-lheira pra tudo que é lado, né?" A cifra: 80 milhões. A "quadrilha" apontada como culpada: reitor e outros seis do corpo docente da Universidade Federal de Santa Catarina.

Foi assim, há mais de seis anos, que foi deflagrada pela Po-

lícia Federal a Operação Ouvidos Mucos. O nome, segundo a PF, foi "uma referência à repetida desobediência da gestão da universidade aos pedidos e recomendações dos órgãos de fiscalização e controle". O reitor Luis Carlos Cancellier de Olivo e os professores foram, então, presos, sem saber o porquê e sem provas concretas.

Para a juíza do caso, Janaína Cassol, o espetáculo cinematográfico da operação - que seguia os moldes e era um desdobramento da Lava Jato -, a mídia propagando acusações sem provas como sentenças absolutas, a prisão de 36 horas e as revistas íntimas não foram humilhação e desrespeito suficientes para com os investigados. Não. Ainda foram proibidos, após libertos, de frequentar a Universidade Federal de Santa Catarina e de se encontrar com seus colegas de profissão, amigos de vida.

Importante comentar que a soltura só ocorreu com a troca da juíza responsável pelo caso. A substituta, Marjorie Freiberg, assim que assumiu, notou o absurdo e a arbitrariedade da prisão - exigida pela delegada do caso, Érika Marena -, acatando o pedido de habeas corpus da defesa. Manteve, porém, a proibição de adentrarem a UFSC, como antes determinado por Cassol.

Cancellier, ou Cau - como era apelidado -, se via solitário, já condenado, antes mesmo de qualquer julgamento, qualquer defesa. Ele, há pouco mais de um ano ocupando a reitoria e já tão querido entre seus colegas e alunos. Ele, que fazia cumprir a proposta de sua chapa de apoiar e

incentivar a diversidade na UFSC. Ele, sempre aberto ao diálogo, levando a tolerância e a empatia como lemas; "uma pessoa serena, que não era tanto de protocolo", como diria assertivamente Jair Quint, fotógrafo e servidor da universidade. Ele, agora vítima de uma acusação sem sentido, sem provas. Uma acusação que, na realidade - informação pouco divulgada na época -, era de obstrução de justiça quanto à investigação de desvio de dinheiro para cursos de educação à distância do programa Universidade Aberta do Brasil. E, detalhe: os supostos desvios teriam ocorrido na gestão anterior. Por que Cancellier obstruía uma investigação - da qual, segundo seu irmão Acioli, ele nem tinha conhecimento -, em benefício próprio, por um crime que não cometeu? E a cifra também foi falsamente divulgada: era de, na verdade, 3 milhões, sendo os 80 milhões divulgados o orçamento do programa como um todo.

A acusação era, repito, sem provas, baseada em apenas dois depoimentos - de uma professora e do corregedor da universidade. Mas isso não impediu que Cancellier já fosse condenado: a imprensa (inclusive seus antigos colegas jornalistas) em muitas manchetes e notícias irresponsavelmente divulgava-o como líder de uma organização criminosa. Além disso, ele não poderia mais frequentar a universidade, de frente de seu apartamento, pela qual dedicara e dedicava sua vida.

Cau nasceu em 13 de maio de 1958, em Tubarão, SC, filho de um operário e de uma costureira, tendo dois irmãos, Acioli e Julio.

Cursou Direito na própria UFSC, em plena Ditadura Militar, se envolvendo com o movimento estudantil da universidade na luta pela Redemocratização, apresentando desde cedo a paixão por ideais que levaria por toda a vida: democracia, igualdade e ação pela mudança. Parou os estudos e, por um tempo, se dedicou inteiramente à carreira de jornalista. Em 1995, porém, voltou definitivamente para a federal catarinense, terminando a graduação, concluindo com mérito seu mestrado e doutorado e tornando-se professor da instituição em seguida. Uma ascensão acadêmica rápida, como mente brilhante e visionária (não só na área do Direito) e incrível ser humano. Venceu a eleição para reitoria em 10 de maio de 2015, na chapa "A UFSC pode mais", ao lado de sua vice Alacoque Lorenzini Erdmann, que, à época, já tinha mais de 40 anos de universidade.

"Por mais que as dificuldades surjam, uma palavra de conciliação, de abertura e de diálogo sempre pode trazer uma luz." Foram essas as palavras que pautaram o discurso de posse de Cancellier e que demonstravam seus valores e sua intenção de administrar sempre na base do diálogo e da conversa pacífica. Em sua gestão, colocava em prática sua meta de descentralização do poder de decisão, contando com a participação de todas as Unidades e Centros da universidade, além da busca por excelência acadêmica e por proximidade com os discentes. "Uma das coisas que chamava atenção era que as salas dele estavam sempre abertas", afirmou Leonardo Moraes,

# Política

ex-aluno da UFSC, entrevistado para o documentário "CAU". Um reitor que dispensava o terno e a gravata, que nunca se punha acima dos estudantes, que sempre respeitava seus colegas. "No Direito, a gente abre mão da violência, a gente abre mão da guerra, pra achar a solução mediada dos conflitos. A administração é isso", contou em entrevista.

Foi no dia 14 de setembro de 2017 que ele foi preso. Se encontrava destruído psicologicamente, como qualquer inocente diante de enormes e injustificadas acusações e de um espetáculo midiático horrendo. Sentia-se extremamente sozinho, exilado em sua própria casa, triste e injustiçado, como deixa transparecer em sua última carta.

Resultado de uma investigação desumana e irresponsável, encabeçada pela delegada Érika Marena, que teve papel de destaque na Lava Jato e que foi acusada de falsificar depoimentos após o escândalo da Vaza Jato; e de uma sentença sem julgamento, decre-

tada pela juíza Janaína Cassol, hoje investigada por atuação ilegal em outro caso mais recente.

Dia 2 de outubro do mesmo ano, apenas dezoito dias após a prisão, Cancellier foi ao Beiramar Shopping, como havia feito no dia anterior, para, no cinema, assistir ao filme sobre a operação Lava Jato – que erguia ao pedestal de herói, não somente o ex-juiz Sergio Moro, mas também a delegada Érika Marena. Desta vez, porém, ele saía para não voltar. Imerso em inimagináveis agonias, em sentimentos de terrível tristeza e solidão, humilhado, destruído, levava no bolso um bilhete: "A minha morte foi decretada quando fui banido da universidade!!!"

Foi um dos mais tristes e impactantes acontecimentos na recente história universitária brasileira. Resultado de uma operação que atacou a autonomia e a instituição da Universidade Pública; que atacou a vida de alguém que viveu e morreu por essa instituição.

Espero que hoje, seis anos após

a morte de Cancellier, possamos lembrá-lo como essa pessoa propositiva, paciente, humilde, de bom senso, cordial, aberta, colaboradora, que valorizava a pluralidade e que respeitava a diferença; que possamos reconhecer seu legado como reitor a serviço dos alunos e da universidade, prezando sempre pela diversidade e pela colaboração. E que lembremos os nomes daqueles que injustiçaram o Cau, lutando para que a justiça siga sendo feita – como foi, com o arquivamento da acusação contra ele pelo Tribunal de Contas da União (TCU), em junho do ano passado. Lutemos por uma justiça sem abusos, humana e dentro da lei. Defendamos um jornalismo investigativo e crítico, como também nós devemos sempre ser, sem espetáculos e acusações falsas e baratas.

Denunciemos qualquer tentativa de seguir os moldes da Operação Lava Jato, que atirava primeiro e perguntava depois, não se importando com quem e como os tiros iriam atingir. Que

prendia, constrangia, humilhava e destruía primeiro, para depois tentar encontrar e apresentar provas que justificassem a ação. Um sistema que tinha como idealizadores Moro – que teve a pouca vergonha de dizer que a morte de Cancellier "foi um infortúnio imprevisto na investigação" – e Deltan Dallagnol – que, em mensagem a Érika Marena, disse que os que criticam a Operação Ouidos Moucos são "um bando de, perdoe-me, imbecis."

Falemos sempre mais alto, em busca da justiça humana, para que ela seja cumprida e que recaia sobre os injustos, aqueles que descumprem as leis e os direitos de outrem. Estejamos atentos e estendamos nossas mãos àqueles injustiçados, para que ninguém mais seja morto pelas palavras de covardes, como disse Acioli. Que possamos, assim, honrar o Cau, não nos esquecendo dele, nunca.

Não poderemos devolvê-lo à vida, mas podemos dar vida aos valores dessa vida interrompida.

# Politreco



Cesar Henrique Orellana Vargas,  
Engenharia Química, 3º ano.

## Conheça a Gestão Grêmio Politécnico 2024!

CARGO	NOME	CONTATO	CARGO	NOME	CONTATO
Presidente e CCO	Laura Carmieletto (Laurinha)	(11) 95799-2219	Diretor Cultural	Cesar Henrique (Cesinha)	(11) 96014-3859
Vice-presidente	Rodrigo Cirillo (Doze)	(11) 99438-2273	Diretor de Comunicação	Gabriel Kenji (GKenji)	(11) 97133-2672
Diretor Geral e CCO	Bruno Santos (Bruninho)	(11) 99805-5620	Diretor do Jornal e Comunicação	Diego Roiphe (Dieguito)	(11) 97140-7794
Tesoureiro	Murilo Azevedo (Murilinho)	(11) 94297-1978	Diretor do Jornal	Pedro Lanza (Hoff)	(34) 99931-9164
Coordenador de RSt	Vinicius Murbach Toth (Vini)	(11) 98874-7196	Diretor de Projetos	João Gabriel (Jobriel)	(11) 98804-0635
Diretora Acadêmica	Alice Davidoff Cracasso	(11) 99533-5052	Diretor de Projetos	Gabriel Lins (Vinho)	(11) 98862-1989
Diretora Acadêmica e CCO	Yasmin Francisquetti	(11) 96546-5682	Diretor de Projetos	Hugo Spadete (Hugão)	(27) 99846-6803
Diretor Acadêmico	Vinicius Veiga (PC)	(11) 99292-6119	Diretor de Eventos	Arthur Mageski (Tutu)	(21) 99570-7483
Diretora de Permanência e CCO	Isabel Bernardes (Isa)	(11) 98919-0457	Diretor de Eventos	Felipe Quezado (Xurras)	(61) 98176-3467
Diretor de Permanência	Caio Henrique	(11) 91417-4028	Diretor de Extensão	Jobel Dato (Jobel)	(11) 94814-3967
Diretora Social e CCO	Beatriz Medeiros (Bea)	(11) 96224-4609	Diretora de Extensão	Thais Melo	(11) 97321-8215
Diretor Administrativo	Isaac Assis	(12) 98896-4280	Diretor Jurídico	Anderson Akyo (Akyo)	(11) 94460-8763
Diretor Administrativo	Arthur Trovó (Trovão)	(11) 94141-2313	Diretora da Pós-Graduação	Cátia Alexandra	catia.alves@usp.br
Diretor Administrativo	Thiago Lima	(12) 98876-0948	Diretor da Pós-Graduação	Anderson Barbosa	albarbosa@usp.br
Diretor de Patrimônio	Samuel Mioto (Samuca)	(11) 93007-2971			



poliglota  
idiomas



# Matrículas Abertas

Ingressantes USP 2024  
têm desconto especial!

**POLI/SANFRAN 6X R\$ 219,90**

**ALUNO USP 6X R\$ 239,90**

**EXTERNO 6X R\$ 259,90**



Para que ser bilíngue se  
você pode ser Poliglota?



**INSCRIÇÕES ATÉ 23/03/2024**

@poliglota.idiomas

(11) 96591-5785

Av. Prof. Luciano Gualberto. 530 - Butantã,  
São Paulo, SP, 05508-010